



3654 - Trabalho Completo - XXIV Encontro de Pesquisa Educacional do Nordeste - Reunião Científica Regional da ANPEd (2018)
GT18 - Educação de Pessoas Jovens e Adultas

PRÁTICAS DOCENTES EMANCIPATÓRIAS NA EDUCAÇÃO DE JOVENS E ADULTOS
Francisco Canindé da Silva - UERN - Universidade do Estado do Rio Grande do Norte

Nos cotidianos da EJA são construídas diferentes práticas pedagógicas docentes, mediatizadas pelas circunstâncias e especificidades do público atendido. O reconhecimento e desinvisibilização destas práticas se constituem problemática deste trabalho, que tem por objetivo compreender, a partir do seu interior, o que mobiliza à criação de práticas docentes emancipatórias. Com as entrevistas recursivas capturamos e traduzimos ações propícias a reflexão dos professores desta modalidade educativa.

Palavras-chave: EJA. Práticas docentes. Emancipação social.

PRÁTICAS DOCENTES EMANCIPATÓRIAS NA EDUCAÇÃO DE JOVENS E ADULTOS

1. Introdução

Compreender práticas pedagógicas docentes da educação de jovens e adultos, a partir de seu interior, percebendo o que acontece e as mobiliza como alternativa credível de reflexão e de processos de formação continuada para professores desta modalidade educativa tem se constituído sistema de interesse de nossas pesquisas.

A problemática decorre do entendimento de que existe em curso na sociedade, especificamente em grupos excluídos e marginalizados, experiências a serem desperdiçadas (SANTOS, 2009) que precisam ser urgentemente reconhecidas e valorizadas como saberes *outs* (MACEDO, 2009). No contexto da educação de jovens e adultos essas experiências (criadas, invencionadas) já fazem parte do repertório didático de muitos professores, mas estão também a ser desperdiçadas em contextos de decisões políticas e de planejamento de novas práticas.

O desafio que se interpõe nesse sentido, é o de capturar dos relatos de experiências docentes, obtidos por meio de entrevistas recursivas a constelação de práticas desenvolvidas de maneira não-autorizada (CERTEAU, 2011), que traduzidas sob pressupostos epistemológicos e metodológicos multirreferenciados são possíveis de reflexão e de tantas outras construções de sentidos à EJA.

Do ponto de vista desta produção, implicações de natureza política, didática, ética e social foram reconhecidas e colocadas em contexto de reflexão, revelando das práticas docentes características democratizantes e emancipatórias, tais como: criatividade, solidariedade, resistência, conhecimento prudente, etc. Assim, compreendemos que não somente traduzimos *existentes-possíveis* cotidianos como estamos fazendo justiça cognitiva (OLIVEIRA; SUSSEKIND, 2016) com estes profissionais e com tudo aquilo que é produzido nas relações que mantêm com os jovens e adultos estudantes nesta modalidade educativa.

2. Implicações epistemológicas e metodológicas de um trabalho multirreferenciado

O caráter *complexus* de práticas pedagógicas docentes invencionadas nas circunstâncias cotidianas da educação de jovens e adultos, pressupõe abordagens epistemológicas e metodológicas plurais, para que em *rede* seja possível capturar a diversidade de saberes e sentidos constantemente produzida nestes espaços-lugares por professores e estudantes.

No caso das epistemologias assumidas no percurso de nossa pesquisa, o trabalho tomou por referência teorias sociais contemporâneas pelas quais os acontecimentos, situações e práticas são compreendidas a partir de um rigor científico sistêmico-*complexus* que é ao mesmo tempo individual e plural. Entendemos que reduzir a compreensão acerca da constelação de saberes latentes nos cotidianos da educação de jovens e adultos, somente a uma abordagem teórica, no mínimo pode provocar a marginalização e a invisibilização de inúmeras iniciativas criadas por professores e alunos nas múltiplas relações estabelecidas.

Nesse sentido, o eco produzido pela sociologia das ausências, a sociologia das emergências e o trabalho de tradução de Santos (2002) ajudou-nos a perceber que existe, no contexto da modernidade ocidental, a imposição de uma racionalidade indolente (metonímica e proléptica) que reduz a diversidade do mundo a manifestação monocultural do conhecimento cientificista. Na esteira desta mesma reflexão, contrapondo-se a essa concepção hegemônica de ciência, irá propor noções preliminares de uma *razão cosmopolita*, que é indiciária, agregadora e multicultural, tornando credível o não-credível, o não-existente em existente e o impossível em possível.

A pluralidade de saberes e práticas sociais que a razão cosmopolita agrega e valoriza como credível e possível tem se revelado no campo da crítica contra o desperdício da experiência, em conhecimento-emancipação (SANTOS, 2009). Aquilo que é caracterizado como ignorância pelo *colonialismo*, para a racionalidade cosmopolita se constitui *solidariedade*.

Para a captura e tradução destas práticas docentes, criadas subversivamente nos cotidianos da educação de jovens e adultos, adotamos como procedimento metodológico a *entrevista recursiva*. Esse tipo de entrevista possibilita que os sujeitos envolvidos recorram a todo momento, com liberdade, por meio da memória, a experiências vivenciadas em seus múltiplos cotidianos sociais, culturais e educativos, valendo-se especificamente de rastros e reservas para articular compreensões no presente.

Tomar as experiências, questões das práticas, processos cotidianos, capacidade interativa e construtiva em curso como pontos de análise da pesquisa implica assumir desafios e riscos quanto à compreensão e produção de resultados. As práticas pedagógicas docentes

invisibilizadas e possíveis que buscamos reconhecer são efêmeras e não são implementadas rotineiramente, o que se caracteriza como um dos desafios ao pesquisador.

3.Práticas docentes em recursão: capturas, traduções e resultados

Para reflexão capturamos partes de uma entrevista recursiva realizada com uma professora de Língua Portuguesa da EJA, com 25 anos de trabalho que, sob a ótica da sociologia das ausências e das emergências revela traços de uma racionalidade cosmopolita – indiciária, plural e emancipatória.

Na entrevista, a referida professora demonstra que suas práticas pedagógicas cotidianas não se integram aos requisitos estabelecidos pelo cânone da profissão, e tampouco serve às propostas de formação continuada socialmente institucionalizadas. Os saberes-fazeres na modalidade se tecem a cada dia pelo contato e na interação que mantêm com os estudantes, embora percebamos que há conflitos internos, gerados pela vontade de efetivar um conjunto de saberes disciplinares produzidos durante a formação inicial, sobre o que se deve ensinar em Língua Portuguesa, independente do fato de os sujeitos serem falantes competentes da língua oral.

Quantas e quantas vezes cheguei com o plano de aula para repassar, mas quando começava, logo diziam: "– professora, a gente não está entendendo!" Então, largava o que estava fazendo e passava a desenvolver atividades que mais lhes interessavam. Aliás, nunca nestas turmas dei aula somente pelo livro didático, eu dava aula pelo que eu via, planejava em casa pelo que eu sentia da necessidade dos alunos. [...] Nunca fui muito apegada às normas, mas tentava me orientar pelo projeto político pedagógico (PPP) da escola, mas sempre achei difícil. (Trecho da entrevista com professora de Língua Portuguesa, 2016)

As práticas pedagógicas da Professora de Língua Portuguesa revelam indícios da luta que milhares de professores da EJA enfrentam diariamente, para manter a qualidade de ensino nas salas de aula, qualidade na profissão e, principalmente, na aprendizagem dos alunos.

De seu relato destacamos, para enlaçar como indício emancipatório, o ato de replanejar e a relação de confiança construída com os estudantes, numa realidade em que a insegurança e as incertezas da profissão eram intensas. A coragem de rever, visitar e redimensionar o pensado em detrimento do praticado, entendendo o vivido como gerador de recursividade significa, à compreensão que assumimos neste trabalho, potencial de aprendizagem.

[...] vou a cada dia tentando fazer coisas diferentes, observando sempre aquilo que eles têm mais necessidade. Fica até difícil de relatar tudo o que já passei e inventei para que os alunos aprendessem o mínimo da língua portuguesa. Confesso que o planejamento feito a partir dos livros didáticos não deu muito certo; não sei se com os meus colegas tem acontecido o mesmo, ou se é diferente. A verdade é que não dava para seguir o conteúdo dos livros com o nível de alfabetização dos alunos. (Trecho da entrevista com professora de Língua Portuguesa, 2016)

As práticas pedagógicas docentes da referida professora, atravessadas por leituras de mundo diferenciadas constituem renovadas redes de *saberesfazerespoderes* que poderiam ser, no debate construtivo, compreendidas como complexidades possíveis de tradução à sua formação continuada e, quiçá, de seus companheiros de trabalho na EJA.

O conjunto de inacabamentos sentidos pela professora, ao se defrontar cotidianamente com a realidade, tendo que reinventá-la; as dúvidas e incertezas sobre o quê e o como fazê-lo; a ausência na maioria do tempo de apoio pedagógico; a vontade manifesta de evitar a evasão; a subversão ao "programa" instituído a priori e o enfrentamento de regulações impostas pelo imaginário social e acadêmico do ser professor traduzem, na perspectiva da sociologia das emergências de Boaventura Santos (2002), indícios emancipatórios que ajudam na reflexão e reconstrução do fazer docente cotidiano.

Em síntese, percebemos que existe uma inteligência do saber prático cotidiano sendo desperdiçada, que pode ser traduzida como saber legitimador em contextos de formação continuada. Essa compreensão exige esforço intelectual, vontade crítica, capacidade reflexiva e coragem epistemológica dos que praticam/pensam a formação continuada, e isso implica, como sugere Oliveira (2003), reconhecer e valorizar múltiplos currículos *pensadospraticados* e as práticas de solidariedade neles existentes, enquanto possibilidades de formação continuada.

Referências

CERTEAU, Michel. **A invenção do cotidiano**. Trad. Ephraim Ferreira Alves. 17. ed. Petrópolis, Rio de Janeiro: Vozes, 2011.

MACEDO, Roberto Sidnei. **Um rigor outro sobre a qualidade na pesquisa qualitativa** educação e ciências humanas. Salvador: EDUFBA, 2009.

OLIVEIRA, Inês Barbosa de. **Currículos praticados**: entre a regulação e a emancipação. Rio de Janeiro: DP&A, 2003.

OLIVEIRA, Inês Barbosa de; SUSSEKIND, Maria Luiza. (orgs.). **Formação docente e justiça cognitiva**: pesquisa, práticas e possibilidades. Rio de Janeiro: DP et Alii, 2016.

SANTOS, Boaventura de Sousa. Para uma sociologia das ausências e uma sociologia das emergências. **Revista Crítica de Ciências Sociais**. n. 63, p. 237-280, out. 2002. Disponível em: . Acesso em: 23 mar. 2014.

_____. **A crítica da razão indolente**: contra o desperdício da experiência. 7. ed. São Paulo: Cortez, 2009.